



## Os mitos e os cientistas

A ciência deu um “salto” qualitativo e quantitativo com a introdução do pensamento cartesiano. A disjunção do pensamento possibilitou a especificação dos estudos e pesquisas em diversas áreas. E, tantas outras, surgiram como necessárias a uma análise multifocal.

O movimento Iluminista procurou romper com o misticismo que ainda explicava através das deduções e dos mitos, as indagações dos pensadores da Idade Média. O uso do método empírico (experimental) como meio de comprovação das teorias levantadas, trouxe profundas mudanças, selando a união da técnica e ciência.

As ideias iluministas alteraram a relação entre “aquilo que é estudado” e “o ser que estuda”. Emergiram concepções equivocadas sobre a ciência, caracterizada por uma imparcialidade e neutralidade a qual nunca existiu. Na verdade, esteve a serviço da classe dominante.

Segundo Lancelotti, “No momento atual, as práticas de controle da natureza estão nas mãos do neoliberalismo e, assim, servem a determinados valores e não a outros. Servem ao individualismo em vez de à solidariedade; à propriedade particular e ao lucro em vez de ao bem-estar de todas as pessoas, à utilidade

em vez de ao fortalecimento da pluralidade de valores; à liberdade individual e à eficácia econômica em vez de à libertação humana; aos interesses dos ricos em vez dos pobres; à democracia formal em vez de à democracia participativa; aos direitos civis e políticos sem qualquer dialética com os direitos sociais, econômicos e culturais.”.

*As ideias iluministas alteraram a relação entre “aquilo que é estudado” e “o ser que estuda”*





## Os mitos e os cientistas

A primeira é uma lista de valores neoliberais; a segunda de valores do movimento popular.

Segundo essa tendência, a ciência - segundo materialistas, racionalistas e modernistas - dividiu o conhecimento em científico, guiado pela articulação de conclusões experimentais, e não científico, o qual é fundamentado em costumes de um povo, não é sistemático, e, geralmente, taxado de supersticioso, logo, inválido.

Os conhecimentos ditos populares, também denominados de senso comum, que segundo ARANHA MARTINS “se trata de um conjunto de *crenças*, já que quase sempre esse conhecimento é espontâneo e não crítico”. São tradições vistas em comunidades indígenas, quilombolas, por exemplo.

No entanto, Latour, defende que nunca houve essa dissociação difundida pelos racionalistas, sendo

impossível separar sujeito/objeto, humano/não humano, primitivo/moderno, saber popular/saber científico. Esses conceitos coexistem e são interdependentes. Portanto, nós, apenas, acreditamos que ocorre essa segregação numa perspectiva de preciosismo do conteúdo científico.



Ilustração: monossabios.com

*“Segundo materialistas, racionalistas e modernistas, o conhecimento foi dividido em científico e não científico”*